

A cuibanidade “portenha” do acadêmico Lenine de Campos Póvoas da Cadeira 33 da Academia Mato-Grossense de Letras

*Fernando Tadeu de Miranda Borges*⁵

A entrevista realizada com o Professor Lenine de Campos Póvoas, que presidiu a Academia Mato-Grossense de Letras, no período de 7 de julho de 1981 a 28 de setembro de 1991, lecionou no Curso de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso, movimentou a cultura cuiabana e mato-grossense, e semeou no seu solo a criação de uma Fundação Cultural, que foi o embrião da atual Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, ocorreu numa tarde ensolarada, em sua residência, no dia 19 de janeiro de 2000, com a finalidade de abordar a estrada de ferro, o desenvolvimento, o curso de Direito da Universidade Federal e Cuiabá (cidade que tanto amou).

Acompanhado da amiga e advogada Leila Francisca de Souza, fomos recebidos pelo casal anfitrião, Professor Lenine de Campos Póvoas e dona Arlete Gargaglione Póvoas, com “cuiabanidade”, hospitalidade peculiar de um lugar que desenvolveu essa forma de atitude como meio de sobrevivência, tornando a vida mais doce e gostosa. A entrevista com Professor Lenine de Campos Póvoas foi direta, em atenção ao seu pedido, embora tenhamos conversado um pouco antes de começar com as perguntas, e quando encerrei os trabalhos, tomamos um delicioso suco da Terra.

Interessante ressaltar que foi o Professor Lenine de Campos Póvoas, presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, quem lançou o meu primeiro livro *“Do Extrativismo à Pecuária: algumas observações sobre a História Econômica*

⁵ Membro da Cadeira 33 da Academia Mato-Grossense de Letras e Professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso.

de Mato Grosso (1870-1930)”, publicado pela Genus, e que neste ano completa 30 anos. A solenidade de lançamento foi realizada na Academia Mato-Grossense de Letras, aos 3 de dezembro de 1991, e após o seu discurso naquela mesma noite, entregou-me o pronunciamento datilografado, que transcrevo, como registro histórico, antes da entrevista. Com a palavra o professor Lenine de Campos Póvoas:

A Academia Mato-Grossense de Letras, no cumprimento de seu objetivo maior que é o de estimular o movimento cultural em nosso Estado, acolheu, com simpatia, a ideia de oferecer sua sede para o lançamento do livro de autoria do jovem e ilustre Professor da Universidade Federal de Mato Grosso, o economista Dr. Fernando Tadeu de Miranda Borges, intitulado *Do Extrativismo à Pecuária: Algumas Observações sobre a História Econômica de Mato Grosso (1870-1930)*.

Apesar da reconhecida desídia da nossa gente em preservar preciosos documentos de nossa história, que às centenas se perderam, muita coisa ainda existe, sob a poeira dos arquivos, de onde é exumada por pesquisadores curiosos de conhecerem, em detalhes, os antecedentes de nossa vida social e econômica. Só quem já se entregou às investigações históricas em nosso meio sabe das dificuldades, que enfrentou, pela escassez e pelo extravio das fontes.

Se foram poucos os que, no passado, se dedicaram a essa tarefa, devendo-se destacar, dentre outros: o Barão de Melgaço, Estevão de Mendonça, Virgílio Corrêa Filho, José de Mesquita, Antonio Fernandes de Souza, Philogonio Corrêa e Rubens de Mendonça, suas obras constituíram, entretanto, as bases seguras sobre as quais foi erigido o edifício da história mato-grossense. Limitando-se a registrar os fatos e indicando-lhes, muitas vezes, as causas, sem, contudo, subordiná-las à exagerada ótica do materialismo histórico, que não era modismo naqueles tempos, a contribuição desses eminentes historiadores mato-grossenses foi decisiva para a consolidação dos nossos fastos e hoje ninguém escreve sobre a história mato-grossense sem consultar as obras preciosas.

O livro do Professor Fernando Tadeu, focalizando o período de nossa história que vai do término da Guerra da Tríplice Aliança, em 1870, até a Revolução de 1930, nos revela, sem que ele expressamente o diga, as razões pelas quais aqui nestes sertões se formou e cristalizou uma sociedade refinada, lapidada nos seus costumes sociais e de apreciável nível de cultura. Só a enumeração das mercadorias que aqui entravam, pela rota do Prata, oriundas dos portos da Europa e que, logicamente, encontravam consumidores, desde os vinhos da França, da Itália e de Portugal; das cervejas alemã e holandesa; das casemiras e linhos ingleses, às finas porcelanas de Servet e da Tchecoslováquia, à água de Vichy, ao absinto, ao aniz, ao whisky escocês, aos trajes *prêt-à-porter* como paletós de alpaca, fraques e sobrecasacas, cousas, enfim, que não se encontravam em outras regiões do Brasil, a não ser nos chamados grandes centros litorâneos, tudo isso constitui um índice indicativo do alto nível da sociedade que as consumia.

E não se diga que tais cousas estavam ao alcance de meia dúzia de privilegiados, porque tudo se vendia numa cidade em que havia pobreza, mas não havia penúria, em que não se conheciam favelas como as que temos hoje nos arrabaldes do Rio de Janeiro ou na periferia de São Paulo, Cuiabá ou Buenos Aires, onde proliferam as “vilas miséria”, na expressão pitoresca dos argentinos, que são frutos de nossa época e dos dias amargos que correm.

Focalizando os principais produtos de exportação do Estado, entre os dois marcos cronológicos que balizam a sua pesquisa, como a ipecacuanha, a erva-mate, a borracha e a pecuária com seus derivados (o charque e o extrato de carne) e, ainda, a agroindústria canavieira, o Professor Fernando Tadeu estuda uma fase importante da nossa vida econômica e social, que deixou marcas indelévels na história de Mato Grosso. No setor da edição de livros, o desenvolvimento intelectual tem sido, em nosso Estado, mais o produto do esforço individual dos escritores do que uma resultante do interesse ou apoio oficiais, cujo auxílio, em

todos os tempos, sempre foi insignificante, distante de tudo que temos produzido.

A obra do Professor Fernando Tadeu, oferecida como dissertação de mestrado à Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis da Universidade de São Paulo, é um desses trabalhos que certamente ficará para as consultas dos estudiosos do futuro.

Em nome da Academia Mato-Grossense de Letras, apresento ao ilustre mestre nossos parabéns, augurando-lhe que prossiga na trajetória que traçou e que novos sucessos lhe coroem os esforços.

.....

Entrevista com o professor Lenine de Campos Póvoas

Fernando Tadeu – Boa tarde, doutor Lenine.

Lenine Póvoas – Boa tarde.

Fernando Tadeu - A construção da estrada de ferro sempre foi um sonho acalentado por Cuiabá. Como que o senhor interpreta a chegada da estrada de ferro a Campo Grande e a sua não extensão a Cuiabá?

Lenine Póvoas – Fernando, o Centro-Oeste de um modo geral vivia muito abandonado, inclusive no tempo do Império nós fomos prejudicados pela presença de um ditador no Paraguai, que foi o Francia, e que durante 20 anos interrompeu completamente a navegação fluvial para Mato Grosso, única via de acesso que nós tínhamos para o resto do mundo, a não ser as dolorosas viagens por terra até São Paulo. De modo que, passada a Guerra da Tríplice Aliança, o governo começou a pensar em distender estradas e linhas telegráficas para Mato Grosso, para terminar aquele abandono que nós vivíamos. Foi estudada a construção da estrada de ferro, a Noroeste do Brasil, que, como o próprio nome está a indicar, ela deveria partir de Bauru, São Paulo, a ponta dos trilhos das ferrovias paulistas, e depois, passando por Cuiabá, se dirigiria até Porto Velho, em Rondônia atual. Mas, com

o andar dos tempos os planos foram sendo mudados e a ferrovia que se destinava a Cuiabá, não se destinaria mais, seriam as fronteiras do Paraguai e da Bolívia, por questões citadas na época como sendo estratégicas, então, a Noroeste foi construída partindo de Bauru até as barrancas do Rio Paraná, depois foi atacada uma segunda frente de Porto Esperança sobre o Rio Paraguai, partindo em direção ao lugar onde nasceu. Três Lagoas, foi ali o lugar escolhido para se cruzar o Rio Paraná e emendarem-se os trilhos, que vinham de Bauru com os que vinham de Porto Esperança. E, assim, em 1914, passou a funcionar a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, depois, foi sendo melhorada aos poucos, mas o pecado maior, na minha opinião da Noroeste do Brasil, foi ter a bitola estreita, mas passamos a reivindicar a estrada de ferro para Cuiabá. Já no governo do Marechal Dutra foi determinada a construção de um ramal que, partindo de Campo Grande, iria a Cuiabá. Havia um escritório em Campo Grande e outro em Cuiabá, para a construção dessa estrada. Em Cuiabá, chegamos a escolher o local da estação da estrada de ferro, mas com a saída do Marechal Dutra do Governo da República, o assunto voltou a ser esquecido, até no governo do General Geisel, quando o Senador Vicente Emílio Vuolo apresentou o projeto do prolongamento da Estrada de Ferro Araraquarense até Cuiabá, e mais tarde até o extremo Norte do país, em Porto Velho, com bifurcação, em Cuiabá, para Santarém. E com a iniciativa de Vuolo houve uma série de percalços para a construção da ferrovia, mas o apoio que nós recebemos dos municípios de São Paulo e dos políticos de São Paulo e do governo de São Paulo foram decisivos para o início das obras. A estrada de ferro partiu de Rubinéia, cidade que fica quase sobre a barranca do Rio Paraná, e o grande obstáculo era a construção da ponte monumental cruzando o Rio Paraná, foi quando ela foi construída. Depois, penetraram os trilhos em Mato Grosso. Vieram até o nosso território através de Mato Grosso do Sul, atravessando o chamado Chapadão do Sul de Mato Grosso e chegando ao nosso Estado, em Taquari. De Taquari ela está

caminhando, agora, se é que ainda ela não foi parada, para Alto Araguaia. Havia uma pressa extraordinária para que os trilhos entrassem em território de Mato Grosso, porque, depois que eles tivessem em Mato Grosso, as obras passariam também a ser financiadas pela SUDAM, e o que não seria possível em outros Estados, como São Paulo e Goiás. Então, veio a estrada e ela está caminhando em direção a Cuiabá. Agora surgiu um debate para atrapalhar, ou seja, para saber se ela passa em Rondonópolis ou não, o primeiro projeto é que ela ficaria há alguns quilômetros de Rondonópolis, o que seria um absurdo, porque Rondonópolis seria um grande apoio para a ferrovia. Parece-me que este obstáculo já está superado e já se decidiu que ela vai passar em Rondonópolis, e depois descer a serra para Cuiabá. A descida da serra ainda está sendo objeto de debate, uns querem que ela desça pelo leito do Rio Taquari e depois, ganhando a planície do Pantanal, chegue a Cuiabá, via Santo Antônio de Leverger, enquanto que outros defendem a ideia da vinda pelo planalto, da Chapada, e depois da Chapada, lançando o terminal para Cuiabá. Isso é o que nós sabemos da estrada de ferro, Ferro Norte, como foi denominada, e há uma lei de autoria de um deputado de Mato Grosso do Sul denominando a estrada de ferro de Estrada de Ferro Senador Vuolo.

Fernando Tadeu - Doutor Lenine, então, a mudança de traçado da estrada de ferro de Cuiabá para Campo Grande, não teve repercussão na nossa Cuiabá?

Lenine Póvoas - A repercussão foi pequena e não houve movimentos de protestos, que eu saiba, pode ser que tenha havido alguma coisa, mas muito pequena, talvez na Câmara Federal ou no Senado, de representantes de Mato Grosso.

Fernando Tadeu – Reforce, por favor, qual a explicação para a mudança do traçado de Cuiabá para Campo Grande?

Lenine Póvoas - Razões de ordem estratégica. A Noroeste, chegando a Corumbá, atingiria a fronteira da Bolívia, e chegando a Ponta Porã atingiria a fronteira com o Paraguai,

países da América do Sul com os quais nós tínhamos interesse imediato de estabelecer ligação.

Fernando Tadeu - A estrada de ferro é sinônimo de desenvolvimento?

Lenine Póvoas - Ah, sem dúvida alguma. Os trilhos, como já foi dito, são os plantadores de cidades. Nós sabemos o desenvolvimento que as cidades de Mato Grosso do Sul tiveram com a chegada da Noroeste do Brasil. O exemplo de Campo Grande é impressionante, além disso nós tivemos Maracajú, Dourados e a própria Ponta Porã como exemplos de desenvolvimento em virtude da chegada dos trilhos.

Fernando Tadeu - A espera de Cuiabá pelos trilhos é válida?

Lenine Póvoas - Sem dúvida nenhuma que é válida. Nós estamos sentindo hoje o desenvolvimento que tem Cuiabá e o Norte do Estado, isso foi consequência da migração que houve dos Estados do Sul para Mato Grosso, e o *nortão* está aí, é um exemplo de desenvolvimento extraordinário. Mas os trilhos, sem dúvida nenhuma, impulsionarão muito mais Mato Grosso.

Fernando Tadeu - Doutor Lenine, eu tenho um carinho muito grande pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso. O senhor acompanhou a história da Faculdade de Direito?

Lenine Póvoas - Nos tempos antigos nós tínhamos em Cuiabá uns dois ou três formados em Direito pelas universidades de São Paulo e Rio de Janeiro, acontece que eles ocupavam cargos federais, como juízes federais etc. O exercício da democracia aqui estava entregue inteiramente para os advogados provisionados, chamados rábulas. O meu pai, por exemplo, exerceu essa profissão de advogado provisional durante muito tempo e o sonho de termos uma Faculdade de Direito vem de 1934. Por volta de 1934 foi fundada a Faculdade de Direito de Cuiabá, ela funcionou durante uns dois anos e depois, com a vinda da Constituição Federal de 1937, que proibia a acumulação de cargos, os professores,

que eram quase todos juízes e desembargadores, tiveram que abandonar o magistério e isso trouxe o fechamento da Faculdade de Cuiabá. E continuamos lutando para a abertura de uma nova Faculdade de Direito, e isso veio a acontecer já depois das interventorias, depois da reconstituição democrática do país, em 1945, aí foi fundada a Faculdade de Direito de Mato Grosso, que foi o nascedouro da Universidade Federal de Mato Grosso.

Fernando Tadeu - A Universidade Federal de Mato Grosso foi muito importante para o desenvolvimento da nossa região?

Lenine Póvoas - Ah, sem dúvida nenhuma. Ela é... foi... uma mola mestra no nosso desenvolvimento, a preferência que ela tem hoje nos vestibulares, para os seus vinte e tantos cursos, mostra o interesse que ela despertou na sociedade mato-grossense.

Fernando Tadeu - Doutor Lenine, gostaria que o senhor deixasse uma mensagem para Cuiabá.

Lenine Póvoas - Cuiabá viveu mais de duzentos anos isolada do resto do Brasil, não obstante isso, o seu desenvolvimento intelectual foi surpreendente e várias outras tonalidades marcam a vida do cuiabano, a tendência do cuiabano. O cuiabano sempre foi hospitaleiro por excelência, todas as pessoas que vieram de fora, a procura de nova vida em Mato Grosso, encontraram em Cuiabá o melhor de todos os ambientes, eles sempre foram recebidos de braços abertos. Todos aqueles que aqui chegaram se integraram na nossa sociedade, fossem eles brasileiros ou estrangeiros, e logo se tornaram cuiabanos de coração, o cidadão que chegava aqui era presidente de clube, era chefe de uma organização comercial, era personalidade de destaque na nossa cultura, no nosso desenvolvimento intelectual.

Fernando Tadeu – Muito obrigado, Dr. Lenine!

Lenine Póvoas – Muito obrigado, Fernando Tadeu!